

A CIDADE E SEUS SINAIS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA COM AS CRIANÇAS DO MALABARES

Recebido em: 17/12/2010

Aceito em: 22/05/2011

*Túlio Campos*¹

*Walter Ernesto Ude Marques*²

*José Alfredo Oliveira Debortoli*³

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

RESUMO: Este texto traz alguns apontamentos e caminhos teórico-metodológicos presentes na pesquisa realizada com crianças e jovens que praticam o malabares nos sinais de trânsito de uma grande metrópole. O estudo propôs como objetivo buscar compreender como esses sujeitos vivenciam suas experiências no cotidiano do trabalho explorado. Para tal, utilizou-se à *etnografia* como metodologia de aproximação dessa realidade, permitindo novos olhares e interpretações nas relações estabelecidas entre as crianças e os jovens, os transeuntes e os motoristas no tempo-espaço de suas ações no contexto do malabares nos sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Menores de rua. Metodologia. Atividades de Lazer.

THE CITY AND ITS SIGNS: THE CONSTRUCTION OF RESEARCH WITH CHILDREN OF JUGGLING

ABSTRACT: This work presents some pointers and theoretical-methodological paths presented in the research performed with children and young people who practice juggling at traffic lights in a huge metropolis. The study has proposed as purpose to understand how those people live out their experiences in daily work explored. To this end, we used *ethnography* as a method of approximation of this reality, allowed new views and interpretations in the relationship between children and young people,

¹ Licenciado em Educação Física pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEFFTO – UFMG; Mestre em Lazer pela UFMG.

² Professor Associado I da Faculdade de Educação - FaE/UFMG; Professor do Curso de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - EEFFTO/UFMG; e Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas do Pensamento Complexo - NEPCOM/FaE/UFMG.

³ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO); Professor do Curso de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - EEFFTO/UFMG.

pedestrians and drivers in the space-time of their actions in the context of juggling at traffic lights.

KEYWORDS: Homeless Youth. Methodology. Leisure Activities.

Introdução

No contexto da nossa sociedade atual, constatamos um sentimento de grande inquietação e indignação frente às transformações que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo e seus efeitos sobre a vida, a cultura, o trabalho e as relações sociais. Na vida cotidiana avaliamos que este contexto tem gerado o embrutecimento das relações sociais em decorrência da forma assumida pelo modo de produção capitalista, exacerbado pelo expressivo aumento da concentração de renda de maneira globalizada e pelas novas tecnologias, como pode ser averiguado nos infindáveis e espantosos quadros de violência expressos no dia-a-dia em diferentes meios de comunicação. Concomitantemente, observa-se a crescente fragilização dos laços conjugais, a explosão urbana com todas as dificuldades decorrentes de viver em grandes cidades, a valorização da vida privada, a globalização cultural, entre outros.

Por sua vez, a perplexidade e a apreensão tomam conta do nosso cotidiano. Em decorrência de inúmeras transformações políticas, econômicas, culturais e sociais, em um curto espaço de tempo, os sujeitos são incessantemente impulsionados a lidar com um ritmo de vida na qual o consumo ganha papel central em suas vidas, um “incondicional apreço pela novidade” (PEREIRA, 2002; SARLO, 2000). Desde a Revolução Industrial, beneficiado pelo ideário da modernidade, de superação, de eficiência e de progresso, o capitalismo, nas suas entranhas, tem gerado relações de produção e consumo.

Diante disso, na contemporaneidade, vivemos num ritmo de vida incessante, marcado pela era da velocidade, na qual a “avidez pela novidade” (PEREIRA, 2002)

constrói novas formas de experimentar o mundo, “uma realidade instável e fragmentária” (SARLO, 2000, p. 30). Nesse aspecto, as relações pessoais e as ações dos sujeitos se metamorfoseiam em atos pautados na “efemeridade”, na “superficialidade” e na “trivialidade” (CARLOS, 2001). Considerando novamente as palavras de Pereira e colaboradoras (2007, p.101), “hoje, as relações que mantemos com as coisas – e também com as pessoas – conferem marca ao tempo em que vivemos: relações fugazes, flexíveis, dinâmicas e descartáveis”.

Nesse cenário, a situação da criança empobrecida no Brasil e no mundo torna-se preocupante. No que tange à temática, quando se trata da situação de crianças brasileiras, encontramos situações aviltantes de exploração da mão-de-obra infanto-juvenil, nos quais estão envolvidos fatores de natureza política, ética, estética, cultural, histórica, econômica e de organização social.

Este artigo traz alguns apontamentos e caminhos teórico-metodológicos presentes na dissertação intitulada *Pequenos Trabalhadores nos Sinais e suas Experiências no Cotidiano da Rua: entre o “espetáculo” do malabares e as brincadeiras, os riscos e as tensões do trabalho explorado*⁴. O estudo propôs como objetivo buscar compreender como as crianças e jovens do malabares nos sinais de trânsito vivenciam suas experiências no cotidiano do trabalho explorado de uma grande metrópole.

O processo de construção da pesquisa adotou como referenciais teóricos os estudos de diferentes áreas do conhecimento, tais como: Antropologia, Sociologia, Psicologia, Educação, História, Filosofia, dentre outras. Em especial, destacaram-se, no

⁴ Dissertação defendida em junho de 2010 no Programa Interdisciplinar de Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, de autoria de Túlio Campos, sob a orientação do Professor Dr. Walter Ernesto Ude Marques (Orientador) e Professor Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (Co-Orientador). Cabe ressaltar que os procedimentos metodológicos propostos pela pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

estudo, a Antropologia Urbana e a Sociologia da Infância. Dessa maneira, acredito que a abordagem interdisciplinar construída, tendo em vista os objetivos delineados, amparou o desenvolvimento de um estudo, filosoficamente e epistemologicamente, mais fundamentada e coerente com as produções que nos auxiliam nas reflexões e nos questionamentos dos acontecimentos do mundo contemporâneo.

A metodologia adotada no estudo, a *etnografia*, possibilitou a compreensão dos aspectos históricos, sociais e culturais presentes no contexto de vida das crianças e jovens nos sinais, além de revelar aspectos que circunscrevem a exploração do trabalho infanto-juvenil nas ruas da metrópole pesquisada, acreditando que “os estudos das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social” (SARMENTO; PINTO, 1997, p. 25). Concomitantemente, destacou-se a importância do constante diálogo entre a bibliografia consultada e as questões que emergiram das observações de campo. Nesse aspecto, cabe apontar que “em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana” (GEERTZ, 1978, p. 380).

Apontamentos Iniciais

Tendo como referência trabalhos anteriores⁵ foi possível constatar a existência de um volume considerável de estudos produzidos referentes à realidade do trabalho de crianças no cotidiano rural e urbano. Alguns autores, como Silva (2002) e Marques (2001), destacam em seus estudos que, na maioria das pesquisas que tratam do tema da exploração do trabalho infantil, a ênfase apresenta-se circunscrita aos aspectos jurídicos,

⁵ Sobre a temática do trabalho infantil, destacam-se: Marin (2005, 2006); Marques, Neves & Neto (2006); Oliveira (1994); Marques (2000); Martins (1993); Silva (2002, 2005, 2007). Apontam-se também estudos realizados pela OIT e UNICEF, dentre outros.

econômicos e demográficos, em detrimento aos estudos de cunhos sociais, históricos e culturais. Como assinala Silva (2002, p. 29), raramente os estudos, principalmente sobre o mundo do trabalho, reconhecem o significado social de suas contribuições para a construção dos elementos “*macro e microssociais da vida cotidiana*”⁶.

No mundo contemporâneo, a exploração do trabalho infanto-juvenil⁷ constitui uma temática destacada por diferentes órgãos internacionais. No entanto, diante dos expressivos avanços tecnológicos, das importantes conquistas no campo jurídico e dos movimentos sociais de combate à presença da criança e do adolescente no mundo do trabalho, esse tipo de atividade ainda se faz presente em diversos setores produtivos, que vão desde a agricultura até a grande indústria, passando, também, pelos diferentes contextos sociais, como nos grandes centros urbanos (MARQUES, 2000; SILVA, 2007). No Brasil, estima-se que os números ultrapassam os 5,1 milhões de crianças e adolescentes em situação de trabalho precoce, perigoso e insalubre (SILVA, 2007; OIT, 2009).

Contudo, em decorrência das ações lideradas pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) as estatísticas revelam quedas dos números de crianças inseridas no trabalho explorado⁸. Contraditoriamente, nesse contexto, outros estudos⁹ têm evidenciado renovadas formas

⁶ Grifos meus.

⁷ Para fins de esclarecimento e em consonância com as observações apontadas por Silva (2007), no estudo optou-se por adotar o termo “exploração do trabalho infantil”, já que existe, ainda, no senso comum, tanto na academia, nas instituições e órgãos oficiais, bem como, na mídia e na população em geral, concernente à temática, uma idéia de que todo trabalho infantil é explorado, sem uma análise mais crítica das atividades realizadas no contexto do trabalho realizado por crianças.

⁸ Segundo a pesquisa nacional por amostra de domicílio (2007), do contingente de 44,7 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade, 4,8 milhões estavam trabalhando. De acordo com os dados encontrados, a estimativa apontou redução em relação a 2006, quando existiam, no País, 5,1 milhões de trabalhadores nesta faixa etária. Maiores detalhes estão disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 05 mar. 2009.

⁹ Nessa perspectiva, destacamos: Martins (1991), Marques (2001), Silva (2003, 2005), Graciani (2005), Marin (2005, 2006), dentre outros.

de inserção de crianças e jovens neste tipo de atividade, quase nunca apontadas nas pesquisas realizadas pelos governos, de modo que se constata um crescimento no número de pequenos trabalhadores e de seus familiares em busca de estratégias para o complemento da renda familiar, como tentativa de manter a sobrevivência do grupo. Nessa perspectiva, Silva (2007) destaca o chamado “trabalho clandestino e invisível”, quais sejam: trabalhadores em casas de farinha e em lixões; lavadores de carros; sacoleiras; malabares e vendedores de balas em semáforos das grandes e médias cidades; trabalhadores domésticos, sobretudo, feminino; dentre outras atividades ilícitas.

No caso da realidade pesquisada – uma metrópole – constatou-se a tensão entre ser criança e sua relação com o mundo do trabalho explorado. Pesquisas relacionadas à temática – Infância e Trabalho – destacam que a presença da criança no cotidiano do trabalho explorado compromete o tempo de sua infância, “sonegam o tempo para o lúdico, afeta a escolarização e, consecutivamente, detona situações de constrangimentos que repercutem na construção da identidade da criança” (SILVA, 2001, p. 10).

Frente a isso, tais apontamentos levaram-me a problematizar como as crianças, – entendidas como uma categoria social –, realizam suas experiências no contexto da cidade, principalmente nos aspectos que se referem à exploração do trabalho infantil.

Junto a isso, cabe assinalar que os estudos referentes à temática do “Espaço Urbano” ajudaram a construir, na pesquisa, um novo olhar acerca das ações das crianças na cidade. Nesse sentido, no trabalho de campo, pude perceber que os processos de renovação na metrópole Belo Horizonte – MG - acontecem de forma desenfreada e descontínua, fragmentando os espaços e os tempos dos sujeitos. Nesse aspecto, “o cidadão se re-adapta, resiste ou produz novas estratégias para os usos dos lugares” (CARLOS, 2001, p. 52).

A partir da presença das crianças na cidade, foi possível perceber também que a rua, *locus* desta pesquisa, faz-se marcada enquanto tempo e espaço de convivência e confronto com o diferente, onde há subversão de ordens e hierarquias sociais (KRAMER, 2001). Além da conotação de lugar de passagem, do perigo, do desvio, da violência e do medo, do trânsito de veículos, da ordem, da racionalização e do consumo (LEFEBVRE, 2002), a rua apresenta-se como um relevante espaço/tempo de práticas de sociabilidade entre pares (SARMENTO, 2005; GOMES; GOUVEA, 2008).

De acordo com Castro (2001a), as atividades realizadas por crianças e jovens nas cidades são realçadas de forma bastante negativizada diante dos grandes problemas urbanísticos, como, por exemplo, a violência, os roubos, o caos no trânsito, as pichações, as depredações, etc. Paradoxalmente, são, positivamente, destacados enquanto consumidores em potencial. De certa forma, outros espaços, como, por exemplo, os *shoppings centers*, vêm ocupando grande parte do tempo desses sujeitos destinados a ordenar e homogeneizar suas ações por meio do consumo de produtos que estão na “moda” (CASTRO, 2001a; PEREIRA, 2002; SARLO, 2000). Contraditoriamente, não rara, a participação social das crianças e jovens apresenta-se pouco reconhecida frente aos aspectos etários e desconsiderados como atores sociais, sendo, portanto, excluídos do exercício da cidadania e, conseqüentemente, da construção da sociedade e da cultura (KRAMER, 2001).

Para além do pensamento pormenorizado, referente às ações das crianças e dos jovens na cidade, acredito que a imensidão da metrópole, tanto na sua diversidade espacial e temporal, quanto na sua complexidade, apresenta-se como um rico campo da ação e da experiência do viver coletivo (CASTRO; CORREA, 2005; GOMES; GOUVEA, 2008). No que se refere aos usos e às apropriações dos espaços da cidade,

crianças e jovens vêm redesenhando sua participação de diversas formas por meio de práticas espaciais e sociais, tais como dos *hip-hoppers*, dos *grafiters*, dos *skaters*, dos malabaristas, dentre outras, que não são ou estão conformadas exclusivamente com o “espaço geométrico” (CERTEAU, 1994; DEBORTOLI *et. al.*, 2008).

Diante dessas considerações iniciais, procurei organizar uma explanação dos itens desenvolvidos neste texto: infância, trabalho e espaço urbano, a partir do contexto da pesquisa em consonância com a bibliografia levantada e delineada pelo estudo. Seguindo esse rumo, parto para o destaque das questões que subsidiaram as escolhas teórico-metodológicas, tendo como principais protagonistas desse debate às crianças. São elas que motivaram os escritos e os caminhos da dissertação no intuito de construir, como sugerem Pinto e Sarmiento (1997), “o estudo das crianças a partir de si mesmas”, revelando fenômenos sociais que o olhar do adulto deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Sendo assim, nos próximos itens, apresento uma discussão acerca das crianças e da cidade, levando em consideração os aspectos da metodologia construída ao longo do estudo.

Na Rua: *tecendo os lugares*

O estudo partiu do princípio de que a rua representa palco da diversidade (CASTRO; CORREA, 2005), sendo reivindicada pelas crianças e jovens como espaço de criatividade e emancipação, um contexto que se faz com a presença de sujeitos singulares que constroem as pluralidades do espaço citadino, tornando-se espaço da produção e da reprodução social (KRAMER, 2002; LEFEBVRE, 2002). A vida urbana – no caso, o cotidiano das crianças nos sinais – fez-se marcada pelo campo das relações sociais inusitadas, pela característica do diverso, do diferente que é apresentado e

representado em seu cotidiano. A “vivência compartilhada” com as crianças nos sinais de trânsito da cidade de Belo Horizonte mostrou-me que, como aponta Marques (2000, p. 37):

[...] apesar de estarem submetidas a condições que violam seus direitos sociais, esses pequenos trabalhadores convivem com um mundo simbólico vasto e complexo, e que, além de comporem um campo imaginário que os cercam, criam situações que visam burlar representações negativas que lhes são impingidas.

Aqui cabe apontar que a presença de crianças e jovens no cotidiano do trabalho explorado nas ruas da metrópole Belo Horizonte vem causando grande inquietação aos diferentes órgãos que tematizam a problemática, tais como a prefeitura do município, fóruns regionais e nacionais¹⁰, comissões no interior do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e órgãos internacionais, como a OIT e UNICEF entre outros. Nesse sentido, na nossa capital, diversas linguagens midiáticas abordam o assunto com o intuito de conscientizar a população de que as crianças e jovens nessa condição estão em situação de grande risco social, comprometendo sua trajetória escolar e profissional.

De acordo com o estudo¹¹ realizado pela Gerência de Inserção Especial da Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social pertencente à Secretaria de Políticas Sociais da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, foram identificados, no ano de 2004, 1.099 crianças e adolescentes em situação de trabalho nas ruas da Metrópole. Segundo os dados, desses, 793 (72,2%) residiam no município de Belo Horizonte; 296 (26,9%) eram provenientes da Região Metropolitana e 10 (0,9%) de outras cidades (SMAAS,

¹⁰ Nesse aspecto destaca-se em âmbito nacional o Fórum Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI) que é uma estratégia não-governamental de articulação, mobilização e sensibilização da sociedade brasileira na luta pela prevenção e o fim da exploração do trabalho de milhões de crianças e pela proteção ao adolescente trabalhador no Brasil. Disponível em: <<http://www.fnpeti.org.br/>>. Acesso em: 17 ago. 2009. Em âmbito estadual, destaca-se o Fórum Estadual de Combate ao Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente do Estado de Minas Gerais (FECTIPA/MG), composto por diversas instituições sob coordenação da Delegacia Regional do Trabalho.

¹¹ Trabalho de campo desenvolvido pela SMAAS durante sete dias consecutivos na última semana de junho de 2004. Dados apresentados na *Revista Pensar BH*, n. 12, 2006.

2006). Já no ano de 2006, foram constados 1.752 casos, sendo que, 1.025 residiam na capital (59%); 395 (23%) na Região Metropolitana; 12 (1%) de cidades do interior e 319 (18%) não informadas (SMAAS, 2006). Como se nota, houve um aumento de 62,72% entre os anos de 2004 e 2006. Dentre às atividades exercidas, destacam-se as de: vendedores ambulantes, 20,63%; pedintes, 15,98%; vigias e lavadores de carros, 9,08%; malabares, 6,69%; distribuidores de panfletos, 6,22%, dentre outras.

Durante a elaboração do trabalho foi possível perceber nos meios de comunicação que circulam na cidade uma preocupação em retirar as crianças em situação de trabalho nas ruas. Nesse sentido, foi possível observar a distribuição de panfletos e propagandas nos pontos de ônibus, entre algumas das estratégias utilizadas para chamar a atenção de motoristas e pedestres. Na mídia o assunto destacou-se nos principais telejornais, como é possível observar nas manchetes anunciadas abaixo:

Eles fizeram de ruas e avenidas, locais de trabalho. Ganham a vida, de carro em carro, vendendo doces ou fazendo malabarismos. São crianças e adolescentes que, segundo os especialistas, abandonaram a sala de aula ou estão com o rendimento escolar comprometido (MGTV 2º Edição, 14/06/2008).

Nas ruas de Belo Horizonte é comum encontrar crianças que vendem balas no sinal ou pedem dinheiro na porta de bares (MGTV 1º Edição, 03/08/2009).

No trabalho desenvolvido durante a minha graduação Educação Física, intitulado: *Crianças nos Sinais: um olhar sobre o trabalho infantil e as possibilidades e impossibilidades de vivências do lazer nas ruas de Belo Horizonte*¹², entre os anos de 2005 e 2007, constatamos a presença de crianças trabalhando em diferentes locais pela cidade de Belo Horizonte. Os pequenos trabalhadores foram observados, em distintos

¹² Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/licere/pdf/licereV10N01_a7.pdf>. Acesso em: 19 maio. 2010. Estudo desenvolvido junto ao Programa de Educação Tutorial – PET – Educação Física e Lazer, que se caracteriza como um grupo que propõe estudar de forma interdisciplinar as questões referentes à Educação Física e ao Lazer, proporcionando aos bolsistas diversas possibilidades de pesquisa, ensino e extensão, em diálogo com as Ciências Humanas e Sociais.

momentos do dia ou da semana, nos sinais de trânsito e em outros espaços como ruas, morros, praças, parques, transporte coletivo, feiras, etc. Na pesquisa percebemos um aumento do número de crianças e adolescentes desempenhando diversas funções, tais como: vendedores de balas; catadores de papel e latinhas; estátuas vivas; vigias e lavadores de carros; além de malabaristas.

Dentre os motivos que levavam as crianças à prática de trabalho na cidade, destacou-se no estudo: a busca de melhores condições de vida para as famílias, o complemento da renda familiar, a necessidade de sobrevivência, a possibilidade de criar novos vínculos de amizade, o deslocar-se do bairro até o local das práticas de trabalho, o ficar com os amigos e o brincar no local. Outro fator de importante destaque foi que as crianças trabalhavam nas ruas em diferentes horários e dias da semana, abrangendo os finais de semana, feriados e também horários noturnos, sendo que alguns adentravam pela madrugada, em dias de grande necessidade financeira. Junto a isso, estavam expostas a diversas situações de perigo que enfrentavam no seu cotidiano. Foram verificadas várias circunstâncias ameaçadoras que colocavam a dignidade pessoal e a vida em situações alarmantes, como: assédio sexual, furto, humilhação, brigas, atropelamentos, assalto, exploração sexual e sequestros.

Esses resultados obtidos e outras questões que abrangem as temáticas propostas na elaboração da dissertação foram essenciais para a construção dos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, apresentados a seguir.

As Crianças e a Cidade: aspectos teórico-metodológicos da pesquisa em questão

As questões discutidas no estudo emergiram das temáticas: Infância, Trabalho e Espaço Urbano. Dada a abrangência dos elementos que as envolvem, a orientação

teórica adotada para tentar compreender a presença e as experiências das crianças nos sinais de trânsito foi baseada nos estudos da Antropologia, da Sociologia, da Educação, da Psicologia, da História, da Geografia, da Filosofia, em especial, nos estudos da Sociologia da Infância e da Antropologia Urbana. Nesse aspecto, Kramer (2002, p. 45) afirma que “a infância é hoje um campo temático de natureza interdisciplinar”.

Num primeiro momento da pesquisa, os estudos da Antropologia e da Sociologia da Infância foram essenciais para a construção de ricos encontros com as crianças nos sinais. Essa escolha foi também evidenciada pelas contribuições que ambas as áreas de conhecimento ofereceram à pesquisa desenvolvida durante minha graduação em Educação Física. Mesmo com a experiência de aproximação junto às crianças em situação de trabalho na cidade de Belo Horizonte, fiquei muito apreensivo durante as idas ao campo. Desse modo, o contato com as literaturas fizeram surgir novas indagações, tais como: (a) *Com quais crianças a pesquisa seria construída?* (b) *Por que realizar uma pesquisa com as crianças em Belo Horizonte?* (c) *Por onde começar?* (d) *Qual local escolher?* (e) *Como elegê-lo?* (f) *Como elaborar estratégias metodológicas que não colocassem as crianças e o pesquisador em algum tipo de risco?* (g) *Qual postura tomar diante das crianças?* (h) *O que seria observado?* (i) *O que anotar no caderno de campo?* (j) *Como proceder eticamente com as crianças?* entre outras.

Na perspectiva da Sociologia da Infância, parti do desafio e da necessidade de ressignificar a visão e o lugar ocupados socialmente pelas crianças na sua formação e desenvolvimento, bem como nas suas aprendizagens e compreensão de mundo. Nesse aspecto, o campo da Sociologia da Infância contribuiu significativamente para meu estudo, uma vez que, de acordo com Delgado e Müller (2005), esse tema tem ocupado

um espaço significativo no cenário internacional¹³, por propor um grande e importante debate teórico-metodológico ao considerar as crianças como atores sociais, diferentemente de abordagens que as concebem como um dado universal e natural. As referidas autoras afirmam, baseadas em Corsaro (2005), que a perspectiva sociológica não deve considerar somente as adaptações e internalizações dos processos de socialização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução que são realizados pelas crianças. Essa visão de socialização tornou-se fundamental para meu estudo, já que considera a construção e reconstrução da cultura por meio das ações coletivas, sendo que as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares. Tudo isso, permitiu “compreender que o sujeito é constituído com o outro e no contexto, sendo ao mesmo tempo ativo e criativo neste processo” (KRAMER, 2002, p. 44).

Além das considerações elencadas a partir da Sociologia da Infância, outras literaturas indicavam caminhos para a pesquisa. Graças à disciplina *Urbanização, Vida Cotidiana e Lazer*¹⁴, durante o segundo semestre de 2008, pude entrar em contato com a produção de importantes autores que conduziram grande parte das discussões e considerações a respeito da temática “Sujeito e Espaço Urbano”, fundamentando as observações de campo e tornando evidentes os objetivos da pesquisa. O contato com os trabalhos de Henri Lefebvre (1991, 2002, 2008), Michel de Certeau (1994), Marshall Berman (1989), Otília Beatriz Fiori Arantes (2000), Ana Fani Alessandri Carlos (2001), dentre outros, além de diversos eixos temáticos elencados durante a disciplina, como - espaço e tempo na metrópole, vida cotidiana, urbanização, apropriação e uso do espaço,

¹³ Segundo as autoras, existem diversas associações e universidades que se dedicam a contribuir para a pesquisa sociológica e interdisciplinar sobre a infância.

¹⁴ Disciplina optativa ofertada pelo programa de Mestrado Multidisciplinar em Lazer no segundo semestre de 2008, ministrada pelo professor Sérgio Martins.

sujeito e espaço da cidade, mundo moderno, cidadania, direito à cidade - pude perceber a importância e o imprescindível surgimento de novos debates e diálogos referentes às práticas no espaço urbano pelo sujeito contemporâneo, principalmente pelas crianças e por sua presença na cidade.

Tomando a cidade como tema de estudo, parti do pressuposto de que um olhar antropológico permitiria não só o reconhecimento e registro da diversidade cultural, mas também a busca do significado das experiências humanas, sejam elas de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade, de lazer, “que só aparecem exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido” (MAGNANI, 2000, p. 18). Nesse aspecto, o objeto da antropologia não é propriamente o estudo de um determinado tipo de sociedade, mas que “enquanto as maneiras de ser ou agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças [...]” (LÉVI-STRAUSS¹⁵, 1962, p. 26 *apud* MAGNANI, 2000, p. 17).

Diante disso, compartilhei da idéia de que “a antropologia tem uma contribuição específica para a compreensão do fenômeno urbano, mais especificamente para a pesquisa da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas” (MAGNANI, 2003, p. 83). A escolha desse campo do conhecimento enquanto aporte teórico-metodológico para sustentar os diálogos da análise das ações das crianças na cidade justifica-se, também, na medida em que possibilita “o descentramento do olhar do adulto” (PINTO; SARMENTO, 1997). Nesse sentido, cabe destacar a seguinte passagem de Kramer (2002, p. 44, grifo do autor):

¹⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. A crise moderna da Antropologia. **Revista de Antropologia**, v. 10, n. 1/2, USP, São Paulo. 1962.

A *antropologia* fornece também elementos importantes: enfatizando a dimensão da cultura, a necessidade de pesquisar a diversidade, de estranhar o familiar e de compreender o outro nos seus próprios termos, a antropologia muda radicalmente à reflexão sobre educação e os estudos da infância em particular.

Com o objetivo de tentar compreender as ações das crianças no espaço urbano de uma metrópole, tendo o malabares como sua principal atividade nos sinais de trânsito, utilizei a *etnografia* como metodologia de aproximação dessa realidade. Nessa perspectiva de investigação *com* crianças, autores como Sarmiento (2005, 2008), Pinto (1997), Kramer (2008), Ferreira, M. (2008), Delgado e Müller (2005), Castro (2001), Sirota (2001), Montandon (2001), Corsaro (2005), Cohn (2005), dentre outros, destacam a antropologia e a etnografia como ricas possibilidades de novos olhares e interpretações nas relações estabelecidas entre as crianças e seus pares, bem como o tempo-espaço de suas ações no cotidiano. Nesse sentido, esses autores destacam que para o reconhecimento das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas são necessário pensar em referenciais teórico-metodológicos mais desafiantes, “que realmente tenham foco em suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista” (DELGADO; MÜLLER, 2005, p. 353). Desse modo, a observação participante foi à escolha metodológica para o estudo proposto, como destaque no próximo item.

A Observação Participante

No desafio de construir um estudo pautado no contexto em que as crianças dos sinais vivenciam seu cotidiano, utilizei como procedimento metodológico à *observação participante*. Ao longo do trabalho de campo realizei anotações em um caderno no qual registrei: o cotidiano da cidade; anotações minhas e das crianças; as ações das crianças no *locus* do estudo e desenhos (meus e das crianças). Em conjunto com as observações de campo foram elaboradas outras duas propostas: na *primeira*, uma oficina de

fotografia onde as crianças realizaram o registro de fotos e vídeos de suas práticas no espaço da cidade; na *segunda*, uma “entrevista” tendo como foco principal um relato das crianças e jovens a partir dos seus registros fotográficos.

A oficina de fotografia foi realizada em meados do mês de abril de 2009, na qual, com uma câmera fotográfica nas mãos, o grupo recolheu imagens e vídeos de suas práticas no espaço onde realizavam as atividades do malabares. Ao longo dos encontros sempre destacava para as crianças e jovens a possibilidade de realizarmos fotografias – fato que causava certa apreensão no grupo – uma vez que a principal preocupação deles era se o rosto iria aparecer, como apontado nas falas: **“Não vai aparecer o rosto não né!”**, **“Tem que colocar aquela faixa no olho”**¹⁶ (Caderno de campo, abril de 2009). Constantemente procurava destacar para eles as questões éticas envolvidas na pesquisa. Entretanto, com o tempo, que não foi pouco, a confiança na minha pessoa por parte do grupo fortaleceu-se, até o momento em que considerei ser o mais propício para a realização da proposta. Cheguei a esta conclusão a partir de pedidos realizados por alguns dos sujeitos, como na fala de uma das crianças: **“Que dia você vai trazer a máquina para tirar as fotos?”** (Caderno de Campo, abril de 2009).

Durante alguns meses refleti sobre a forma mais legítima de realizar os registros fotográficos, pensando na perspectiva de “[...] aprender a retratar toda a riqueza das vidas das crianças nos inúmeros contextos em que elas se movem” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 22). Assim, tomei a decisão de no dia da oficina não tirar nenhuma foto, a não ser a pedido das crianças e jovens. Então, entreguei a máquina ao grupo com o pedido de se registrar fotos e vídeos da forma que achassem mais interessante. Dessa maneira, as fotos e os vídeos foram realizados com raras intervenções de minha parte. Somente

¹⁶ Caro leitor, ao longo do texto, as falas dos sujeitos são destacadas em **negrito**.

em alguns momentos o grupo pediu para que eu tirasse algumas fotos e filmasse: **“Tira uma foto nossa aqui”**. (Caderno de campo, 24/05/2009, p. 178).

As entrevistas, que a partir deste instante chamarei de “narrando os retratos”, constituiu, neste estudo, uma rica partilha de relatos/narrações das crianças e jovens a partir de seus registros fotográficos. Como proposta, revelei¹⁷ todas as fotografias tiradas pelo grupo, agrupei-as em sete categorias¹⁸ elencadas no caderno de campo e convidei-os para relatar o que conseguiam me dizer acerca da fotografia tirada por eles próprios. Neste dia, quatro sujeitos dos seis que realizaram a oficina de fotografia aceitaram participar. O local da atividade foi em uma rua próxima ao local onde ocorriam às observações de campo. A princípio, havia sido definido o local para realizar a atividade, contudo o grupo sugeriu um espaço nas proximidades. Considerei a sugestão do grupo, mas confesso que fiquei apreensivo com minha decisão, pois como sugerem alguns autores, deseja-se que as entrevistas sejam realizadas em local com pouco barulho e movimento, não distraindo ou interferindo os entrevistados e o entrevistador (BURGESS, 2001; LAVILLE; DIONNE, 1999; MINAYO, 1994). Todavia, ao levar em consideração o desejo do grupo e a proposta da pesquisa, acredito ter tomado a decisão correta, uma vez que este estudo propôs uma investigação *com* as crianças e não *sobre* as crianças (CORSARO, 2005).

Por fim, o grupo sugeriu a calçada de uma rua fechada e pouco movimentada. Fizemos uma roda, coloquei as fotos no chão e as crianças iniciaram os relatos, narrando os retratos. Nesta proposta, apostei que o inusitado se tornaria o cerne da pesquisa. Ao final da atividade, as fotos foram disponibilizadas para que todos

¹⁷ Algumas fotos em que o rosto das crianças e jovens não eram identificados foram reveladas, sendo demonstrada para eles a forma com apareceriam no texto final do trabalho.

¹⁸ As categorias foram elaboradas a partir das análises do caderno de campo. As categorias são: Tempo e Espaço na Metrópole; (In)visibilidades sociais; Prática do malabares; Motivos para ir aos sinais; Suportes de permanência; Riscos do trabalho; Minha presença no cotidiano da cidade junto ao grupo.

pudessem levar consigo. Nesse aspecto, apresento a seguir algumas características dos sujeitos que participaram do estudo.

Os Sujeitos

A inserção no campo permitiu acompanhar um total de 22 crianças e jovens, sendo três entre 9 e 10 anos; quatorze entre 13 e 14 anos; três entre 15 e 17 anos; duas entre 18 e 19 anos.

Um dos grandes desafios durante o contato com os sujeitos da pesquisa foi à criação de vínculos, uma vez que muitos deles frequentavam por pouco tempo os espaços, cujos encontros eram muito imprevisíveis e dinâmicos. Constantemente chegavam novos membros no grupo. Consegui acompanhar alguns deles durante os aproximados 12 meses propostos pela pesquisa. Todavia, outros permaneciam meses, se ausentavam e, em alguns casos, retornavam. Houve episódios em que alguns sujeitos apareceram somente em um único dia e não retornaram mais. Nesse aspecto, constituiu uma grande provocação conseguir estabelecer relações mais próximas com aqueles que não estavam presentes mais firmemente. Cotidianamente era suspeito de pertencer a algum órgão fiscalizador, tal como o Conselho Tutelar e/ou “Policial disfarçado”. Nas vezes em que fui apresentado a um novo membro do grupo, este logo me indagava: **“Você é policial disfarçado, né?”** ou **“Você não é dos tutelares não, né?”** Essas foram algumas das interrogações ouvidas durante muitos momentos da pesquisa.

O fato de estar sempre sob suspeita, além de revelar o caráter de uma atividade ilícita realizada pelas crianças e jovens participantes desta pesquisa, levou-me a desenvolver algumas estratégias de aproximação junto aos sujeitos como, por exemplo, mostrar cotidianamente minha carteira de identidade estudantil e da biblioteca da

universidade e, também, disponibilizar as anotações que realizava no caderno de campo. Assim os registros eram constantemente lidos e, não raro, solicitavam que a ilustração dos dados fosse complementada com desenhos confeccionados por eles próprios. Essa inusitada experiência constituiu, neste estudo, um importante instrumento de aproximação e interação com os sujeitos.

Todo esse processo contribuiu para o fortalecimento dos nossos vínculos e para a construção de uma confiança compartilhada. Obviamente que o estabelecimento dos vínculos não foi uma tarefa fácil. Houve situações de desconfiança e de constantes testagens sobre minha intenção com esta pesquisa. Essas desconfianças e dúvidas não foram suficientes para impedir o processo da pesquisa. Percebia que tinham interesse em falar a respeito de suas experiências de vida na cidade e no bairro.

Durante vários momentos na pesquisa de campo, tive a oportunidade de conversar com as crianças e jovens a respeito do bairro¹⁹ onde residiam. Na sua maioria, relatavam aspectos do cotidiano no bairro, nos quais a violência e o tráfico estavam sempre presentes. As guerras entre os traficantes de vilas vizinhas eram relatadas constantemente. Além desses episódios, outro fato interessante de ser apontado foi às narrações das crianças e jovens a respeito das experiências que tinham no bairro. Quando conversavam entre si, no instante em que o semáforo estava fechado, comentavam episódios dos momentos de lazer no bairro. Entre vários²⁰, o mais comentado era o “som”, local onde se encontravam com outras crianças e jovens para escutar música, beber e paquerar as garotas.

Posto isto, cabe aqui ponderar que a observação participante configurou-se um instrumento significativo para o estudo, enquanto possibilidade de uma aproximação

¹⁹ A noção de bairro adotada no estudo foi entendida como sendo aquele que permite que sejam estabelecidas relações de *vizinhança e pertencimento* (DEBORTOLI *et. al.*, 2008).

²⁰ Os mais relatados foram jogar bola, soltar pipa e andar pelo bairro para encontrar amigos.

sucessiva junto aos sujeitos pesquisados (MARQUES, 2001). Nesse sentido, Laville e Dionne (1999, p. 176) ponderam que: “A observação revela-se certamente nosso privilegiado modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos pessoas, emitimos juízos sobre elas”. Quanto a isso, Burgess (2001, p. 86) afirma que:

[...] a vantagem de ser um observador participante reside na oportunidade de estar disponível para recolher dados ricos e pormenorizados, baseados na observação de contextos naturais. Além disso, o observador pode obter relatos de situações na própria linguagem dos participantes, o que lhe dá acesso aos conceitos que são usados na vida de todos os dias.

Foi com esses referenciais teóricos e empíricos levantados até o momento que me dirigi ao “terreno desta pesquisa” (MARQUES, 2001). Na rua, pude conviver com um cotidiano de ricas experiências, sejam nas caminhadas em companhia das crianças e dos jovens e/ou em outros momentos da vida pessoal. Todas as considerações supracitadas foram imprescindíveis para a entrada no campo, como explicito a seguir.

A Entrada no Campo

Tendo como referência as considerações ponderadas nos itens anteriores, no outono de 2008, mais precisamente, em meados do mês de maio, iniciei a pesquisa – a princípio como um estudo exploratório – na cidade de Belo Horizonte, com o intuito de identificar um espaço propício à investigação proposta. Inicialmente, busquei pontos mais centrais²¹ da capital para a realização do estudo, observando também os que possuíssem o maior número de crianças no local praticando o malabares. Assim, a partir

²¹ Para fins de esclarecimento, a região central de Belo Horizonte possui uma área denominada hipercentro, que funciona como eixo integrador com os demais espaços metropolitanos. A área é delimitada pela Avenida Bias Fortes, Praça Raul Soares, Avenida Álvares Cabral, Rua dos Timbiras, Parque Municipal, Avenida Francisco Sales, Rua Itambé, Rua Sapucaí, Avenida do Contorno e Rodoviária.

do estudo da SMAAS (2006), as primeiras observações de campo foram realizadas na Regional Centro-Sul²².

Cabe apontar que ao longo da dissertação utilizei a expressão “malabares²³”, como sugerido por um dos sujeitos da pesquisa ao relatar o que fazem nos sinais: **“Anota aí, malabares!”**.

Ao sair pelas ruas da cidade, em diferentes dias da semana, observei algumas crianças e jovens praticando o malabares nos sinais de trânsito, especialmente em determinados pontos em torno da área central, delimitada pela Avenida do Contorno. Os objetos mais encontrados nas práticas do malabares entre essas crianças e jovens foram bolas e bastões²⁴. Algumas práticas eram realizadas em conjunto com equilibrismos sobre as costas e/ou ombros dos companheiros. Entretanto, curiosamente, foi nos finais de semana que apareceu o maior número de crianças e em mais pontos da cidade na região central da capital. Fato este que pode ser associado a frequência das crianças à escola, assunto que será abordado com mais detalhes nos próximos escritos.

Nesse primeiro momento da pesquisa deslocava-me pela metrópole de ônibus, a pé e, às vezes, de carro. Em certos locais, observava por um tempo algumas crianças, não ultrapassando uma hora. Nas observações procurei ter uma visão geral dos locais: *atento ao tempo dos semáforos, à quantidade de carros e pessoas que circulavam nos*

²² Como já apontado, de acordo com a SMAAS, no ano de 2006, foi constatado cerca de 1.025 crianças e adolescentes em situação de trabalho infanto-juvenil na capital, sendo que a Regional Centro-Sul da capital obteve 18%, representando um total de 185 crianças e adolescentes, constituindo-se o maior índice entre as regionais.

²³ Segundo Mallet e Bortoleto (2008), o termo “malabares” é tomado da costa de Malabar (região do sudoeste da Índia), local onde seus habitantes manipulam com destreza determinados objetos.

²⁴ A prática do malabares pode ser realizada com diferentes objetos, como bolinhas, rebote, contato, claves, aros, diabolô, *devil stick*, bastão (*staff*), *poi*, massa (*swing*), lenço, faca, laço, *footbag*, chapéu, *cigar*, *box*, *spinning*, bandeira, meteoro, prato, *flair* (garrafa), cubo olímpico, entre outros, de acordo com Mallet e Bortoleto (2008).

*espaços, à estrutura arquitetônica do local e onde meu olhar alcançasse*²⁵ (Caderno de Campo, 21 de junho de 2008).

Nessas circunstâncias iniciais, a tomada de decisão a cerca de qual grupo observar e dar início às anotações, bem como possíveis aproximações geravam em mim apreensão e ansiedade. Tendo a etnografia como metodologia do estudo, não se tratava de prever a generalização por meio de amostragens, mas por tudo aquilo que o contexto revelasse enquanto possibilidades de escolhas a serem feitas correspondentes à seleção dos sujeitos, por meio da análise dos diferentes casos e de uma criteriosa escolha (LAVILLE; DIONE, 1999; MINAYO, 1994). Sendo assim, as imprevisibilidades faziam parte do caminho da pesquisa e eram esperadas, especialmente em se tratando do conturbado²⁶ espaço da rua. Não bastava simplesmente escolher um grupo de crianças e/ou o local e deles esperar “emergir” tudo o que se buscava, enquanto objetivo da pesquisa, mesmo porque isso seria uma posição reducionista em relação aos sujeitos e ao próprio contexto escolhido para realizar o estudo.

Durante essa trajetória da pesquisa, levei essas questões comigo todas as vezes que saía de casa para observar a cidade. Desse modo, exponho, a seguir, os motivos da escolha do *locus* da pesquisa.

Estranhando o Familiar: a escolha do *locus* a partir de uma experiência pessoal e contextual

Inesperadamente, numa linda manhã de domingo, avistei dois garotos em um sinal de uma movimentada avenida da capital. De carro, neste dia, estava a caminho da minha residência quando decidi passar por outro trajeto, não muito rotineiro nas vezes em que retornava da casa da minha namorada. Não saí com a intenção de realizar a pesquisa

²⁵ Caro leitor, a partir deste momento os textos destacados em *itálico* correspondem às anotações e destaques do caderno de campo elaborado durante o estudo.

²⁶ A palavra utilizada expressa o sentido de diversidade do contexto da rua, suas imprevisibilidades, seus sujeitos, seus acontecimentos, etc (GRACIANE, 2005; CASTRO, 2001).

exploratória, foi tudo uma surpresa para mim [...]. (Caderno de Campo, 22/06/2008)

No dia relatado acima, logo que cheguei à minha casa, tomei meu bloco de anotações e, a pé, fui até as proximidades do local para realizar algumas observações. A poucos quarteirões da minha residência, não demorei mais do que 5 minutos para chegar à *passarela*. Este foi o primeiro lugar em que parei para iniciar as observações de forma mais sistematizada. Diferentemente de outros locais frequentados durante a pesquisa exploratória, daquela passarela conseguia ter uma visão panorâmica das avenidas próximas, seus traçados, trajetos, sinalizações, os movimentos dos carros, os edifícios próximos, os tempos dos semáforos e a quantidade de crianças e de pessoas que circulavam pelas redondezas.

Fiquei muito apreensivo com tudo o que observava. Habitualmente, passava todos os dias na passarela ao retornar da universidade, já que representava um caminho familiar para mim. Porém, quando parei na passarela para observar os espaços e tempos da metrópole “estranhei o familiar” (MAGNANI, 2000; GEERTZ, 1978). Parei em um ponto daquele passadouro e, apoiado no corrimão, dali fazia minhas anotações. Algumas pessoas passavam por mim e me olhavam com estranhamento. Continuei as anotações e de repente percebi que a passarela tremia, produzindo uma sensação incrível. Logo me indaguei: *Como nunca havia percebido isto antes? Nossa, passo por aqui todos os dias!* Nesse momento afirmei: *É, na verdade **passo por aqui e não paro por aqui em momento nenhum!*** Logo me veio à reflexão de Larrosa (2002 p. 21): “[...] a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Nesta perspectiva, continuei observando os tempos e espaços do local:

[...] logo que cheguei avistei dois garotos, um mais alto (aparentemente mais velho) e outro mais baixo (aparentemente mais novo). No momento em que o semáforo fechava, o garoto mais alto agachava e o mais novo subia em suas costas e realizava ‘manobras’

com o bastão. Depois de aproximadamente 15 segundos, ambos se dirigiam aos carros mais próximos e faziam o 'gesto de pedinte'. (do ponto onde observava não conseguia ouvir direito o que eles gritavam no início das manobras e nem a reação dos motoristas). [...]. Pouco tempo depois, avisto outros três garotos no sinal 3, sentido oposto da outra pista onde estavam os outros dois garotos. (Caderno de Campo, 22/06/2008)

Após fixar o olhar sobre os garotos por alguns minutos, procurei observar também outros aspectos do local. Daquela passarela, foi possível avistar dois grandes estacionamentos, uma calçada com bancos de cimento, árvores recém-plantadas ao longo de sua extensão e, um pouco mais à frente, pontos de ônibus e alguns edifícios. Havia também nas proximidades do local um pequeno edifício do Tribunal de Justiça, um Batalhão de Rondas da Polícia Militar, uma pequena praça (apenas gramada e com poucos bancos na sua extremidade), um edifício no qual a parte inferior é utilizada como estacionamento, uma igreja, prédios que abrigam os shoppings populares e viadutos. Em cada sentido da avenida há cinco faixas de trânsito²⁷, sendo duas exclusivas para ônibus. O canteiro que divide as duas pistas é largo, possuindo grades de concreto rentes ao chão na parte central e gramas nas extremidades. Foi possível observar também a presença de inúmeros semáforos e placas de sinalização em diferentes pontos da avenida principal, indicando os caminhos da cidade: de um lado, acesso à Avenida Antônio Carlos e à Avenida Cristiano Machado – principal via de acesso à Rodovia MG-010 e ao Aeroporto Internacional – e de outro, acesso às principais Avenidas centrais da cidade e a alguns bairros da região Centro-Sul da capital. Também há placas referenciando espaços turísticos da cidade, tais como a Praça da Estação e o Museu de Artes e Ofícios.

Em seguida, decidi descer a passarela e caminhar pelas avenidas e ruas próximas, atento às placas indicativas de trânsito, às direções, aos sujeitos que por ali

²⁷ Anterior à construção do Boulevard Arrudas, cada sentido da pista possuía três faixas de trânsito.

passavam e, por fim, aos movimentos da cidade. Depois de aproximadamente três horas de observação retornei à minha residência e retomei as notas de campo. Diante de tantos fatos observados no dia coloquei-me a seguinte questão metodológica: por que escolher este *locus* para realizar o estudo? Foi observando o contexto da metrópole que construí subsídios para a escolha do local mais propício para a realização dessa pesquisa, como tento mostrar no próximo tópico deste trabalho.

Observando Alguns Aspectos da Metrópole

Iniciei o segundo momento da pesquisa em junho de 2008. A escolha do local para a realização do estudo foi motivada por fatores pessoais – aquilo que toca, sensibiliza o pesquisador, o faz “sofrer uma experiência” – e também por fatores do contexto a ser estudado (CASTRO, 2001). Particularmente, o fato de sentir/perceber a passarela tremer naquele dia mexeu muito comigo. Por ser morador das proximidades, fato este que certamente traria maior comodidade a mim durante o estudo, e sempre de passagem pela região, algo me fez parar, estranhar o que me era familiar, rotineiro, passageiro. Graças a um ato pouco costumeiro de minha parte, creio eu, como ocorre com a maioria das pessoas, percebi que dali em diante poderia construir uma etnografia na cidade, “a partir de uma experiência pessoal” (GOLDMAN, 2008) e contextual.

Observando o contexto da cidade, reparei que ali estava instaurado todo um pensamento moderno de reestruturação, de revitalização e requalificação das grandes metrópoles, ou, nas palavras de Arantes (2000, p. 14), “os conhecidos processos de *gentrification*”. Atualmente, a Metrópole Belo Horizonte vem apresentando uma série de projetos e ações de ampliação, duplicação e requalificação das suas principais

Avenidas, nas quais destacam-se neste trabalho a requalificação do centro da capital, denominado “Centro Vivo”, e a Linha Verde.

O programa Centro Vivo, criado em 2003 pela Prefeitura de Belo Horizonte, visa à recuperação da área central da capital com a requalificação dos espaços públicos, ruas e avenidas, preservação do patrimônio e obras de melhoria e manutenção da infraestrutura. Também contempla a melhoria das condições de funcionamento do comércio local, de mobilidade, de segurança, da qualidade ambiental e da valorização da paisagem urbana. De acordo com a Prefeitura Municipal²⁸, o programa tem garantido, por meio de ações que estimulam o comércio e geram emprego e renda, avanços importantes para a economia da capital mineira.

Já a Linha Verde é considerada pelos seus idealizadores (Governo do Estado e Prefeitura de Belo Horizonte) um dos maiores conjuntos de obras dos últimos anos na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Seu principal objetivo é propiciar “*acesso rápido e seguro*”²⁹ às regiões norte e nordeste de Belo Horizonte e ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves³⁰. Além do Boulevard Arrudas já citado anteriormente, outros dois conjuntos de obras fazem parte do empreendimento: o primeiro, na Avenida Cristiano Machado, e o segundo, na Rodovia MG-010.

Tudo isso me fez refletir a respeito desses espaços como locais de trânsito dos veículos, de novas vias de acesso rápido e cada vez menos de apropriação/uso dos espaços da cidade, modificando as relações dos sujeitos com os tempos e os espaços. Nessa perspectiva, cabe aqui trazer a seguinte passagem de Carlos (2001, p. 329):

A constante renovação-transformação do espaço urbano por meio das mudanças das formas da cidade – produz transformações nos tempos

²⁸ Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/>>. Acesso em: 12 out. 2009.

²⁹ Grifos meus.

³⁰ Fonte: CODEMIG. Disponível em: <<http://www.codemig.com.br/site/>>. Acesso em: 19 out. 2009.

urbanos da vida cotidiana, das relações de vizinhança, dos modos e tempos de apropriação/uso dos espaços públicos, por exemplo, da rua.

De posse dessas inquietações, os escritos deste trabalho apontam questões que me sensibilizaram enquanto pesquisador e morador da Metrópole Belo Horizonte. Nessa perspectiva, o contato com a literatura indicou caminhos para pensar nos aspectos que abarcam as modificações no tempo e espaço do urbano, ampliando o olhar no contexto pesquisado.

Diante disso, digo que os primeiros olhares direcionados aos espaços e aos sujeitos me sensibilizaram a retornar ao local em outros momentos, em especial nos finais de semana³¹, condicionado diante da presença das crianças e jovens no espaço. A partir daí elaborei as primeiras estratégias de aproximação junto às crianças e jovens, como descritas no item seguinte.

Primeiras Aproximações: *criando estratégias*

Atento aos “sinais” da cidade, ir ao campo revelou-se desafiador a cada dia. A passarela era o local privilegiado em que parava para observar e, depois de certo tempo, caminhava em direção ao local próximo onde estava o grupo. Aos poucos fui me aproximando mais dos participantes desta pesquisa. Em seguida, assentava nos bancos da calçada que fica na avenida principal. A ansiedade tomava conta de mim, uma vez que tinha a sensação de também estar sendo observado por eles. Nesse contexto, um fato que me trouxe desconforto foi observar as crianças sem elas saberem o que eu fazia ali. Dessa forma, toda vez que chegava e me assentava no banco da calçada, arriscava

³¹ A presença das crianças nos sinais se fazia mais consistente aos sábados e domingos, fato este que merece outras investigações.

um cumprimento aos garotos, balançando a cabeça e/ou dando um “jóia”³². Algumas vezes os garotos retribuíam a saudação, mas, ainda, timidamente e com certo estranhamento.

Em uma das primeiras observações, quando sentado em um dos bancos, uma das crianças, aparentemente com 13 anos de idade, chegou próximo de mim e pediu-me moedas. Disse que não tinha. Aproveitei o momento e perguntei seu nome e ele respondeu de maneira constrangida. Logo se dirigiu até uma das lixeiras postas na calçada e procurou algo, mas sem êxito. Por fim, retornou ao sinal para ficar junto aos seus três colegas.

Neste dia considerei minha primeira conversa com o garoto – na forma de uma pergunta – uma tentativa de aproximação, todavia não suficiente para permitir minha presença junto ao grupo. Frente a isso, precisava articular uma estratégia de aproximação mais consistente e que não causasse um “estranhamento” nas crianças, permitindo “fazer das diferenças com os informantes (nativos) possibilidade de conhecimento” (FARIA, 2008, p. 41). Neste instante cabe destacar o alerta de Goldman (2003) de que para realizar uma observação participante não precisamos nos metamorfosear em nativo, “uma espécie de transformação substancial” (p. 462). Afirma o autor que “a observação participante significa, parece-me, muito mais a possibilidade de captar as ações e os discursos em ato do que uma improvável metamorfose em nativo” (GOLDMAN, 2003, p. 458).

Ao perceberem minha presença as crianças cochichavam. Tinha a nítida impressão que conversavam a meu respeito. Contudo, minha presença não parecia atrapalhar o grupo, uma vez que continuaram realizando o malabares. A ansiedade em

³² Jóia: gesto de cumprimento utilizado para indicar um sentido de positividade. Também é expresso pela fala da seguinte forma: “*Tudo jóia?*”

me aproximar do grupo era intensa e sabia que, dependendo da forma como chegasse próximo a eles, poderia causar certo tipo de espanto.

Diante disso, ao eleger o tema de pesquisa: *o contexto de vida das crianças nos sinais*, fiquei atento à possível rejeição à minha presença no campo de pesquisa, considerando que, assim como apontado por Marques (2001), pesquisador e pesquisado sabem que a atividade exercida pelas crianças e jovens transgride o art.60 do ECA, Lei 8.069 de 13 de julho de 1990 que versa: “É proibido qualquer trabalho a menores de 16 (dezesseis) anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos 14 (quatorze) anos”³³, e que essa alternativa de sobrevivência não é recente na nossa história social (PRIORE, 2000).

Após algumas idas ao campo, percebi que era possível uma aproximação mais direta. Senti que começavam a se familiarizar com minha presença. A retribuição dos cumprimentos entre mim e os garotos começou a ser mais espontânea. Foi observando os tempos dos semáforos do “Pontão”³⁴ e da “Viradinha” e o local onde havia um grupo de crianças (Pontão) que notei a possibilidade de tentar me envolver mais com o grupo. No “Pontão”, diferente da “Viradinha” e do “Ponto”, não há faixa de pedestre nem sinalização para travessia, mas apenas a faixa de retenção de veículos. Nessa configuração, atravessar para o outro lado da avenida era muito arriscado, pois no momento em que os semáforos da avenida principal se fecham – momento em que as crianças vão à frente dos carros realizarem o malabares – o semáforo da “Viradinha” se abre, tornando inviável atravessar a avenida utilizando o canteiro central naquele ponto.

³³ Nova redação dada, conforme Emenda Constitucional nº 20 de 16 de dezembro de 1998. Sobre a idade mínima permitida para o trabalho destacam-se: Constituição Federal, art. 7º, XXXIII; Organização Internacional do Trabalho, Convenção 138; Consolidação das Leis do Trabalho, art. 403.

³⁴ Como veremos a seguir, sinais onde as crianças e jovens praticavam o malabares tinham nomes criados por eles.

Nesse caso, era preciso ir até a faixa de pedestre que fica próximo ao “Ponto” para realizar a travessia com segurança.

Ao observar algumas pessoas atravessando a avenida principal, passando pelo “Pontão”, percebi a existência de um momento em que é preciso esperar um bom tempo – no canteiro central, onde fica o “Pontão” – para conseguir atravessar até o outro lado. Após essas observações, me veio a ideia de tentar uma aproximação junto às crianças utilizando a organização do espaço e tempo do local, pois a tentativa de atravessar naquele ponto oportunizaria um momento muito próximo às crianças.

Antes de colocar em prática minha idéia, observei as crianças por mais alguns minutos. Neste instante, certa ansiedade e medo me possuíam diante da possibilidade de não ser bem recebido e/ou as crianças decidirem ir embora. Fiquei um tempo pensando o que diria às crianças. Por fim, escolhi começar pelo nome, assim como fiz anteriormente com o garoto que se aproximou de mim.

Minha tentativa teve êxito. Na primeira conversa expliquei o que fazia por ali. Muitos afirmavam ter me visto sentado na calçada nos dias anteriores. Assim, comecei a interagir com as crianças, contando o que faço e o porquê me aproximei deles. Um dos primeiros questionamentos das crianças foi logo saber, como já dito anteriormente, se eu não era do Conselho Tutelar ou da Polícia. Diante desses questionamentos, mostrar minha carteira de identidade estudantil e da biblioteca da universidade serviu para amenizar as suspeitas. Em todo caso, consegui um contato mais significativo com eles. Pedi autorização para retornar no dia seguinte e observá-los da calçada, enfatizando o trabalho que realizava no campo – “observo as crianças que praticam atividades como vocês nos sinais de trânsito”. Todos autorizaram as observações.

Por conseguinte, me despedi dos garotos e sentei-me na calçada do outro lado da avenida para realizar as anotações no caderno. Estava em estado de “choque”, muito contente por ter conseguido conversar com as crianças. Por último, observei o grupo por mais alguns minutos e retornei para casa. Após essa exposição, aponto a seguir algumas questões que envolveram *o lócus* da pesquisa.

O *Lócus* e suas definições a partir dos Sujeitos

Vale a pena destacar que os nomes “Pontão”, “Viradinha”, “Ponto” e “Oiapoque”, citados ao longo dos escritos do trabalho, referem-se aos quatro principais sinais de trânsito observados na pesquisa de campo. As crianças e os jovens utilizavam esses nomes para identificar os locais por onde circulavam durante a permanência na região. A princípio, para identificar os sinais onde as crianças estavam presentes, utilizei no caderno de campo os nomes “Sinal 1”, “Sinal 2”, “Sinal 3” e “Sinal 4”. Todavia, a partir do contato mais próximo às crianças e jovens, pude perceber que se referenciavam aos locais de outra forma. Em algumas das conversas entre as crianças, os jovens e eu pedi autorização para utilizar os nomes, assim como em todas as vezes que me aproximava do grupo. Este feito, além de não situar o lugar onde foi realizado o estudo, leva em consideração as questões éticas propostas pela pesquisa.

Nessa perspectiva, as questões de caráter ético atravessaram todos os momentos do estudo, uma vez que, como afirmado por Delgado e Müller (2005, p. 355) “é inegável que existe uma força adulta baseada no tamanho físico, nas relações de poder e nas decisões arbitrárias”. Assim foi fundamental abrir mão de princípios metodológicos prescritivos na construção desta pesquisa, já que as relações são atravessadas, também, por momentos educativos, pedagógicos, relacionais, afetivos, etc. Nesse aspecto, fez-se

um imenso esforço em não “agir como um adulto típico”, reforçando as diferenças óbvias entre adultos e crianças em termos de maturidade comunicativa e cognitiva (CORSARO, 2005). Concomitantemente, Ferreira, M. (2008) pondera que para ultrapassar as perspectivas tradicionais de pesquisas relativas às crianças faz-se necessário romper com as noções de poder unilaterais entre adultos e crianças, construindo contextos de relações capazes de lhes permitir fazerem ouvir as suas vozes e serem escutadas. Nesse aspecto, justifica-se aqui a utilização dos procedimentos metodológicos citados anteriormente.

Nesse instante, considero importante destacar que o registro das vozes implica numa ação que transcende a fala. Nesse sentido, “essas ‘falas’ podem envolver língua de sinais, quando as crianças não podem ouvir ou falar, e outros sons e linguagens corporais expressivas tais como os das crianças autistas ou com graves dificuldades de aprendizagem”, pondera Alderson (2005, p. 423). Dessa forma, todas as ações das crianças durante a pesquisa foram consideradas enquanto formas de se expressarem no mundo, seja por meio das falas, do olhar, dos gestos, dos desenhos, da prática do malabares, das maneiras de lidar com os pares, nas brincadeiras, nos conflitos/desentendimentos, nas sugestões de escrita no caderno de campo e nos diferentes tempos e espaços da metrópole.

No que diz respeito à identificação das crianças e jovens busquei levar em consideração as reflexões de Kramer (2002), ao apontar que usar números, mencionar as crianças pelas iniciais ou as primeiras letras do seu nome nega a sua condição de sujeitos, desconsidera a sua identidade e as relega a um anonimato. Todavia, por estarem realizando uma atividade ilícita e de grande risco, optamos por utilizar nos escritos desta pesquisa as seguintes formas de identificação: C para crianças na faixa

etária entre 9 e 12 anos; A para adolescentes na faixa etária entre 13 e 17 anos; e J para jovens na faixa etária entre 18 e 19 anos.

Constantemente, na situação de campo, me questionavam a respeito da forma como seriam identificadas. Diante disso, indicava que não seriam identificadas em nenhum momento do texto final. Assim, como sugere Marques (2001), nem mesmo nomes fictícios puderam ser utilizados, pois as crianças e jovens podem ser confundidos com outros sujeitos.

Diante dessas considerações, as idas ao campo foram baseadas nas ponderações de Graue e Walsh (2003), quando destacam:

Sugerimos que os investigadores gastem menos tempo a tentar desenvolver grandes teorias e mais tempo a aprender a retratar toda a riqueza das vidas das crianças nos inúmeros contextos em que elas se movem (p. 22).

Nessa linha de pensamento, faz-se relevante apontar que entrar na vida de outras pessoas representa a possibilidade de se tornar um “intruso”. Portanto, faz-se necessário obter “permissão”, que vai além da que é dada sob as formas de consentimento habituais. Nessa perspectiva, procurei compartilhar com as crianças todos os aspectos e etapas das investigações: “a entrada no campo e nossos objetivos, quais crianças querem realmente participar da pesquisa e contribuir com a coleta de dados” (DELGADO; MÜLLER, 2005, p. 355).

A título de conclusão do presente texto, durante toda a pesquisa de campo, as aproximações exigiram cautela, pois estar diante de outro contexto, não familiar, poderia trazer riscos e perigos para o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Nesse ponto do trabalho de campo, aprendi que a todo momento deveria tentar discernir as ocasiões propícias das impróprias para me aproximar das crianças e jovens.

Nessa circunstância, cabe relatar uma situação que me ocorreu no campo de pesquisa, momento na qual fui surpreendido pela Polícia. Era sábado de carnaval quando uma viatura se aproximou da calçada onde eu observava algumas crianças no “Pontão” e na “Viradinha”. De dentro do veículo um dos policiais pediu para eu me levantar e colocar minhas mãos na nuca. Aproximou-se de mim e começou a me revistar e fazer perguntas, como: *“Há quanto tempo você está aqui?”*; *“O que faz aqui?”*, enquanto outro (uma policial) apontava uma arma em minha direção. Expliquei o que fazia no local, indicando o caderno de campo, que ficou no banco da calçada. Após me revistar, o policial justificou a abordagem, dizendo que houve uma denúncia de tiroteio na região e que o suspeito trajava uma peça de roupa da mesma cor que eu, uma camisa amarela. Logo que foram embora, iniciei o registro no caderno. Neste momento, duas crianças que realizavam o malabares na “Viradinha” vieram em minha direção e perguntaram-me porque os policiais me abordaram. Enquanto relatava o ocorrido, escutei uma das crianças afirmando para a outra: **“Eu disse que ele não era do Conselho!”**. Relatei a situação para as crianças e durante a conversa perguntaram: **“Você ficou com medo?”**. Disse que tive uma sensação muito desagradável e que meu coração disparou. Logo uma das crianças riu, afirmando: **“Já me abordaram assim várias vezes!”**. Em seguida, a mesma criança relatou uma situação em que foi abordada por policiais no bairro.

Instantes depois o vigia do estacionamento que fica próximo à “Viradinha” se aproximou de mim e comentou a respeito da ação da Polícia. Aponta que a região é muito violenta e há grande circularidade de drogas, porém, fez o seguinte comentário: *“A gente conhece bandido no olho”*. Confesso que foi a situação mais constrangedora e tensa deste trabalho.

Essas e outras experiências foram reveladoras para o estudo, não só pelas situações que vivenciei no campo, mas também pelos relatos de vida, sentimentos, receios e expressões presenciadas nos momentos coletivos e individuais com os sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, gostaria de destacar a seguinte passagem de Viveiros de Castro (2002, p. 113-114), quando destaca a relação entre pesquisador e sujeito pesquisado na perspectiva da construção do conhecimento:

Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos.

Assim, pondero que passar dias e dias com as crianças e jovens nos “sinais” da cidade ajudou-me a compreender diferentes aspectos do cotidiano desses sujeitos nesse *locus* e também como fazem desse contexto – a rua – seu espaço de práticas sociais, de sociabilidade, de modos de vida, de sonhos, de aprendizagens, de sobrevivência, dentre outros aspectos que são tratados no estudo.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 419-442, ago. 2005.

ARANTES, Otília B. F. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: VAINER, C.; ARANTES, O.; MARICATO, E. (Org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11-74.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Summus, 1989.

BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Ministério da Justiça. Brasília, DF, 1990.

BURGESS, Robert G. **A pesquisa de terreno: uma introdução**. Oeiras: Celta Editora, 2001.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTRO, L. R. Crianças, jovens e cidades: vicissitudes da convivência, destinos da cidadania. In: CASTRO, L. R. de (Org.) . **Subjetividade e cidadania** - um estudo com crianças e jovens de três cidades brasileiras. Rio de Janeiro: 7 LETRAS/FAPERJ, 2001, v. 1, p. 113-156.

CASTRO, L. R. Da invisibilidade à ação: crianças e Jovens na Construção da Cultura. In: CASTRO, L. R (Org.) **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001a, p. 19-46.

CASTRO, L. R; CORREA, J. Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In: Lucia Rabello de Castro e Jane Correa. (Org.). **Juventude Contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU, 2005, v. 1, p. 09-26.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

CONAETI – Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil – **Prevenção e erradicação do trabalho infantil e proteção do trabalhador adolescente** – Plano Nacional. Brasília, 2004.

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago, 2005.

DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M.; MARTINS, S. (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DEBORTOLI, J. A. *et al.* As experiências de infância na metrópole. In: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M.; MARTINS, S. (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 19-46.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, F. Apresentação/Organização do Dossiê Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 351-360, 2005.

FARIA, Eliene Lopes. **A aprendizagem da e na prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte**. 2008. 229 f . Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. “Branco demais” ou... Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: MANUEL S.; GOUVEA, M. C. S. (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008, v. 1, p.143-162.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. Ponto Urbe. **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana**, São Paulo, v. 3, p. 1-11, 2008.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 46, n. 2, p. 446-476, 2003.

GOMES, A. M. R; GOUVEA, M. C. S. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. In: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 47-69.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia social de rua**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. **Investigação etnográfica com crianças: teoria, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: indicadores sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

KRAMER, S. Crianças e adultos em diferentes contextos - Desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S.. (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008, v. 1, p. 163-189.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com criança. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), n. 116, p. 41-59, 2002.

KRAMER, Sônia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 135-146, 2001.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista brasileira de educação**., n. 19, jan. – abr. 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. A cidade e o Urbano. In: LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Tradução - Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Editora UFMG, 2008, p. 79-88.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (Org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 2. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. A Antropologia Urbana e os desafios da metrópole. **Tempo Social**. Revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-95, 2003.

MALLET, R. D.; BORTOLETO, M. A. C. Malabares: bolas. In: Marco Antonio Coelho Bortoleto. (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí: Fontoura, 2008, v. 1, p. 37-49.

MARIN, J. O. B. **Trabalho infantil: necessidade, valor e exclusão social**. Brasília/Goiânia: Plano Editora e Editora UFG, 2006.

MARIN, Joel O. B. **Crianças do trabalho**. Brasília: Editora da UFG e Editora Plano, 2005.

MARQUES, E. M.; NEVES, M. A.; NETO, A. C. Trabalho infantil: a infância roubada. In: MARQUES, M. E.; NEVES, M. A.; CARVALHO NETO, A. (Org.). **Trabalho infantil: a infância roubada**. Belo Horizonte: SEGRAC, 2006.

MARQUES, Walter Ernesto Ude. **Infâncias (pre)ocupadas: trabalho infantil, família e identidade**. Tese (Doutorado em Psicologia)- Universidade de Brasília, 2000.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 2. ed. 2003.

MARTINS, J. S. **O massacre dos inocentes – a criança sem infância no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

MINAYO, Maria Cecília S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

MONTANDON, Cléopâtre Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em Língua Inglesa. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 112, 2001, p 33-60.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Erradicação do trabalho infantil**. 2009. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/prgatv/in_focus/ipec/errad_trabin.php>. Acesso em: 18 abr. 2009.

OLIVEIRA, Oris de. **O trabalho da criança e do adolescente**. São Paulo: LTR, 1994.

PEREIRA, R. M. RIBES. Tudo ao mesmo tempo agora! Considerações sobre a infância no presente. In: GONDRA, J. G. (Org.). **História, infância e escolarização**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2002, v. 1, p. 131-148.

PEREIRA, R. M. R. et al. Ladrões de sonhos e sabonetes: considerações sobre os modos de subjetivação da infância na cultura do consumo. In: Jobim e Souza, Solange.

(Org.). **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. 2 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, v. 1, p. 99-116.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância – definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Org.). **As crianças**: contextos e identidades. Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho. Portugal: Bezerra, 1997. (Coleção Infans).

PRIORE, M. L. M. **A História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

SMAAS – Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social. O trabalho infanto-juvenil nas ruas de Belo Horizonte: complexidades e desafios. Belo Horizonte. **Revista Pensar BH**, n. 12, 2006.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, artes e videocultura na Argentina. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. 196p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Org.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Revista Educação e Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 361-378, ago. 2005.

SILVA, M. R. Trabalho infantil ou exploração do trabalho infantil. In: REDIN, E.; MÜLLER, F.; REDIN, M. M. (Org.). **Infâncias**: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007, p. 57-75.

_____. A exploração do trabalho infantil e suas relações com o tempo de lazer/lúdico: quando se descansa se carrega pedra! **Licere**, Belo Horizonte, 2001, v. 4, n. 1, p. 9-20.

_____. Infância empobrecida no Brasil, o neoliberalismo e a exploração do trabalho infantil: uma questão para a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, p. 41, 2005.

_____. Eventos-Campos: Um relato de experiência do fazer investigativo com crianças da Zona da mata canavieira pernambucana. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Org.). **Por uma cultura da infância**: metodologia de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, p. 131-153, 2002.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31. Mar 2001.

UNICEF. **Fundo das Nações Unidas para a Infância**. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/pt/>>. Acesso em: 18 mai. 2009.

VIVEIROS de CASTRO, E. O nativo relativo. **Mana** (UFRJ. Impresso), v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

Endereço do Autor

Túlio Campos

Rua Vista Alegre, 14/201 – Santa Efigênia.

Belo Horizonte – MG – CEP: 30270-180.

Endereço eletrônico: tulio_edfisicaufmg@yahoo.com.br